

Resenha

Mestiçagem: um novo olhar sobre a diversidade cultural

Miscegenation: A new perspective on cultural diversity

LAPLANTINE, F.; NOUSS, A. 2012. *Mestiçagem*. São Paulo, Terceira Margem, 110 p.

Marília Gomes Ghizzi Godoy¹
mgggodoy@yahoo.com.br

Publicado em português pela Terceira Margem Editora, em cuidadosa tradução de Maria Tereza Carvalho, o livro *Mestiçagem* foi escrito em conjunto pelos pesquisadores Alexis Nouss e François Laplantine. Laplantine é mais conhecido dos brasileiros, inclusive por ter o Brasil como um de seus principais temas. Etnólogo e antropólogo francês de renome internacional, cujo domínio é a etnopsicanálise, Laplantine é Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Federal da Paraíba.

Alexis Nouss é professor da Cardiff University (Reino Unido), na Cadeira de Estudos Culturais Modernos. É fundador e diretor do Grupo Poexil. O grupo, que reúne pesquisadores de diversas universidades, dedica-se ao estudo das expressões artísticas do exílio (entendido como migração, mestiçagem cultural, nomadismo). Nouss, que é também tradutor, dedica-se ao estudo das estéticas da modernidade, à problemática da mestiçagem e às escritas multilinguísticas.

Segundo os autores, a ambição do livro é contribuir para transformar a noção de "mestiçagem" – familiar para a biologia – em conceito, mostrando sua pertinência e legitimidade em campos extremamente diversificados.

Dessa forma, Nouss e Laplantine começam por questionar a própria noção de "mestiçagem" enquanto fusão de dois elementos que anteriormente estariam em estado de "pureza". A mestiçagem, segundo eles, contradiz justamente a polaridade mestiço/puro, ou a polaridade homogêneo/heterogêneo. Além do fato de que tais polaridades são arbitrárias, ideias como "fusão" ou "osmose" não se aplicariam à mestiçagem. A essência da mestiçagem seria a confrontação e o diálogo. Ela seria "uma composição cujos componentes guardam a sua integridade" (p. 10).

Na primeira parte do livro (*Um Mundo Mestiço*), Nouss e Laplantine transplantam a noção de mestiçagem para o terreno dos Estudos Culturais, construindo uma série de interessantes ensaios curtos. O primeiro deles é sobre o Mediterrâneo, mais exatamente sobre a experiência conquistadora de Alexandre o Grande. O Mediterrâneo, como se sabe, é um mar que serviu e ainda serve como ponto de ligação entre várias culturas distintas. A cultura mediterrânea da época de Alexandre é o "cadinho" que deu origem, séculos mais tarde, à cultura europeia. O grande conquistador, segundo os autores, teria demonstrado uma

¹ Universidade de Santo Amaro. Rua Isabel Schmidt, 349, 04743-030, Santo Amaro, SP, Brasil.

visão universalista de sua própria empresa, adotando complexos inteiros de costumes dos povos conquistados e promovendo casamentos coletivos entre grupos étnicos diversos. Ele teria (segundo citação de Plutarco) "reunido todos os povos do mundo como numa cratera para serem misturados" (p. 16).

Os autores destacam a importância das cidades para este primeiro exemplo de "mestiçagem". Elas eram o lugar das trocas entre diversas populações, locais e viajantes. Até hoje, os nomes destas cidades (nomes como Bizâncio, Cartago, Jerusalém, Beirute, Cairo, Damasco, Alexandria) possuem um enorme poder evocativo de cosmopolitismo e grandiosidade. O espaço urbano permanece como local privilegiado para trocas culturais.

A seguir, os autores abordam a formação da cultura das Américas, especialmente a das Américas latinas, onde se teriam criado "identidades plurais relativamente independentes da cor da pele" (p. 25). Ressaltam-se a enorme tolerância e diversidade religiosas existentes nessas culturas e o fato de que, nas Américas, se teria inventado todo um estilo de vida, de maneiras de ser e de ver o mundo nas quais a pluralidade se afirmou "não como uma fragilidade provisória, mas como valor constituinte" (p. 30).

Segue-se um ensaio sobre mestiçagens linguísticas, que aborda as línguas crioulas e o fenômeno da tradução. O crioulo seria um equivalente linguístico das mestiçagens culturais, provando (e espelhando) a possibilidade de metamorfoses mutuamente fecundantes entre grupos culturais distintos. A tradução, para os autores, é um fenômeno bem mais complexo do que a conversão do texto em um seu equivalente em outra língua. Mesmo porque tal conversão seria impossível. Em culturas diferentes, não há termos absolutamente equivalentes. Assim, a tradução adquire o caráter de um diálogo entre línguas, o que implica um diálogo entre culturas. Isso a coloca como um fenômeno essencialmente "mestiço".

No subtítulo *Mestiçagens e Cultura*, Nouss e Laplantine localizam, na Europa de diferentes espaços e épocas, três exemplos de mestiçagem de culturas, fenômenos de grande vitalidade que imprimiram mudanças marcantes na História das culturas. Segundo eles, a intenção é que a mestiçagem aí sirva de molde a "uma definição europeia da cultura onde a abertura é garantia de desenvolvimento e de vitalidade" (p. 41).

O primeiro destes modelos de cultura mestiça é a Andaluzia na Idade Média, mais exatamente entre os séculos VIII ao XII. Nesse caso construiu-se todo um complexo cultural a um só tempo clássico, árabe e muçulmano, que foi em grande parte responsável pela reintrodução e reinterpretação dos clássicos na Europa, e pela helenização tanto do judaísmo quanto do cristianismo.

Também a cultura absolutamente fecundante que se criou na Europa entre o Renascimento e as Luzes, e que tem relação com a própria colonização, tinha como um de seus alicerces a mistura de culturas e de gêneros, valorizando a descoberta e a viagem.

Finalmente, temos a vitalidade da Viena do fim do século XIX e início do XX. Naquele cenário cultural, absolutamente capital para a modernidade, perambularam artistas e pensadores como Musil, Klimt, Freud, Wittgenstein e Schönberg, entre outros.

Depois de expandir a noção de "mestiçagem" a diferentes contextos, Nouss e Laplantine ocupam-se da definição do que se pretende um novo conceito. Particularmente interessante é a afirmação: "[...] paradoxalmente, se não temos outra escolha senão o ser mestiço, a mestiçagem raramente foi pensada como tal" (p. 67).

A "mestiçagem" está implicada nos processos conhecidos de formação de culturas e de línguas, e isso é fato dedutível não apenas da exposição que acabamos de resumir, mas de qualquer estudo sério que se debruce sobre a questão. Justificada a promoção da noção de "mestiçagem" a conceito, resta agora procurar definir este conceito e propor seu uso, e é do que trata essa segunda parte do livro, que leva o título *Por um Pensamento Mestiço*.

Mas como definir o conceito de "mestiçagem"? Admitindo que o conceito escape a definições rígidas, os autores procuram defini-lo "a negativo": "[...] sem poder definir o que é mestiçagem [...], nós podemos, porém, tentar nos aproximar de uma definição do que ela não é" (p. 75).

Não se pode pensar a mestiçagem como algo que seria heterogêneo em relação com o que a precederia. Isso seria prender-se a um raciocínio dualista, um "pensamento da separação que determina a organização binária de nosso espaço mental" (p. 71). Ora, raciocínios binários são empobrecedores. E a tese de uma pureza primitiva, anterior à miscigenação, não suporta a prova dos fatos.

Não se trata, como fazem questão de sublinhar os autores, de investir contra a análise das categorias, mas sim de "complicá-la": "[...] não pensar mais o local contra o global [...], a periferia em relação ao centro, as mulheres em relação aos homens" (p. 83).

Se, por um lado, deve-se escapar aos raciocínios e modos de representação binários, há também de se escapar à tendência universalizante, ao "monismo". O monismo reduz a complexidade original a um todo coerente e apaziguador, sem arestas e sem surpresas.

Fica clara a intenção dos autores de propor o conceito de mestiçagem como algo que pode ser absolutamente produtivo e fecundante em relação ao pensamento. Dito de forma melhor, "mestiçagem", nesse caso, não seria apenas um conceito, mas um lugar privilegiado do pensar e do fazer artístico.

Os autores reconhecem, porém, que, entre o monismo da totalização e o dualismo da separação, o caminho pode ser extremamente estreito. Atentos às dificuldades implicadas, eles fornecem uma série de exemplos de pensadores e artistas que souberam abrir-se a um pensamento e a uma forma de representação "mestiça": um pensamento dialógico (como o de Bakhtin), ou que rompe com a ideia de "ordem", com as categorizações convencionais e absolutas, como o de Nietzsche e seus (segundo o autor) "herdeiros" Gilles Deleuze e Felix Guattari.

A arte mestiça, por sua vez, tem um ponto forte no Romantismo, alicerce da modernidade (principalmente em autores como Victor Hugo). Mais tarde, a arte mestiça realiza-se atra-

vés de vários ícones da modernidade, como Dostoievski, Musil, Proust. Na pintura, a colagem e a introdução de elementos "estranhos" ao quadro são signos dessa "mestiçagem" tão característica da modernidade, e encontram sua realização através de artistas como Klimt, Matisse, Picasso, Dalí.

A arte popular não foi esquecida. Também o jazz é mencionado como uma arte da mestiçagem, que por sua vez influenciou também a música erudita, através de Gershwin, por exemplo. Enfim, pode-se dizer que a ideia de "mestiçagem" é, para os autores, indissociável da ideia de "modernidade". Trata-se não só de "fecundar" o pensamento e a representação, mas de tirá-los de um impasse. Mais que proveitosa, a incorporação desse conceito seria fundamental para a produção filosófica e artística contemporânea e a sua compreensão.

Entre as artes "mestiças" citadas nesse livro, um autor certamente querido pelos brasileiros é o poeta Fernando Pessoa, citado a propósito da seguinte passagem: "O eu mestiço, não sendo único nem separado dos outros, não sendo um 'eu' com-

pletamente, não é ninguém propriamente dito, mas não sendo ninguém, ele é todos os outros" (p. 75).

Outra lembrança cara para nós é a cantora Maria Bethânia, cuja arte traria uma mescla de elementos indígenas, africanos e portugueses. Esses elementos estariam bem presentes, "mas completamente metamorfoseados no contato uns como os outros" (p. 96).

O último subtítulo faz referência à mestiçagem como sendo também uma "ética". Estranho? De maneira alguma. A mestiçagem, mais que um conceito, seria uma exigência de borrar fronteiras, abrir-se ao outro, adotar o modelo do encontro, reconhecendo o caráter incompleto, mas também ilimitado e infinito dos seres e das coisas, em sua condição de eterno "vir a ser".

Leitura agradável e acessível sem deixar de ser erudita, *Mestiçagem* é um bom exemplo da riqueza e da abrangência dos Estudos Culturais, área que nos últimos anos vem despertando grande interesse entre os pesquisadores brasileiros. Fundamental para os que querem conhecer e/ou se aprofundar no assunto.